



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

PROJETO DE MESTRADO

O CASO NENÊ ROMANO

**MULHERES, MORALIDADE, PROSTITUIÇÃO E IMPRENSA:
SÃO PAULO (1918-1923)**

Aluna: Christiane Manolio Valladão Flores

Orientadora: Profa. Dra. Heloisa de Faria Cruz

São Paulo

2023

SUMÁRIO

Resumo.....	3
Introdução.....	3
Justificativa.....	5
Objetivos.....	16
Metodologias e Fontes	17
Cronograma e Plano de trabalho.....	18
Fontes e Referências Bibliográficas	19

RESUMO

Este projeto de pesquisa irá analisar como a imprensa noticiou a trajetória da prostituta Nenê Romano (1898-1923), que foi tida como uma das prostitutas mais famosas da cidade de São Paulo do início do século XX. Buscando dar visibilidade a trajetórias femininas, a pesquisa se propõe a problematizar as representações sobre Nenê e seus relacionamentos na imprensa paulista na construção de papéis femininos, de mulher ideal e de prostituta. No ambiente da cidade em transformação, no compasso da trajetória de Nenê, interessa também problematizar a higienização e a medicalização do corpo feminino na definição dos papéis da mulher, na estigmatização das prostitutas e no enquadramento pelo o punitivismo social da prostituição como crime.

Palavras-chave: Nenê Romano, mulheres, prostituição, imprensa, violência de gênero, moralidade, São Paulo

INTRODUÇÃO

Quem é Nenê Romano? Numa primeira sondagem das fontes, é possível observar representações e imagens dessa mulher/prostituta, que são frequentes na imprensa paulista do início do século XX. No jornal "O Combate", de 26 de outubro de 1923, um dia após a sua morte, uma foto de Nenê ilustra a principal matéria de capa: "Paixão Fatal. O Dr. Moacyr Piza, num momento irrefletido, assassina a tiros de revólver a conhecida mundana Nenê Romano e suicida-se em seguida".

O primeiro parágrafo já resume quem seria a "mundana" e o "doutor" que perdeu a cabeça por culpa dela, a matou e tirou a própria vida:

"Matou-se Moacyr Piza, o brilhante, o audaz, o valoroso escriptor que todo São Paulo admirava. Matou-se depois de ter matado Nenê Romano, a mulher fatal, que tinha um rosto de anjo e uma alma perversa".

Mais adiante, as definições sobre a vítima/vilã se intensificam:

"Nenê Romano, flôr de rua e da lama, mulher do povo e contra o povo, que possuía o sorriso que accendia os mais perigosos fogos da paixão torturante e louca; o mais completo symbolo da leviandade e da perversidade muliebre conseguiu, com a sugestão da mulher que faz soffrer e ri, armar o braço de Moacyr Piza e desafiar a morte."



Tendo como fio condutor a trajetória da prostituta Nenê Romano, naquilo que foi considerado pela imprensa como o "caso Nenê Romano", propõe-se discutir questões sobre a normatização de corpos e condutas femininas naquele momento histórico. Trata-se de problematizar as representações constituídas e difundidas pela imprensa paulista, que estigmatizaram práticas e condutas femininas tidas como inapropriadas, imorais e/ou desviantes. As representações da imprensa sobre a trajetória de Nenê, devido à ampla repercussão, mostram-se como espaço estratégico para problematizar as questões propostas. Personagem feminina estigmatizada, representada como aquela que não se ajustou ao papel da mulher ideal, em diversos momentos foi notícia e parou na capa dos jornais após ser vítima de crime passional.

Romilda Macchiaverni, filha de imigrantes italianos pobres vindos ao Brasil em busca de uma vida melhor, encontrou sustento na prostituição, primeiro com a alcunha de Olga Romano e depois, com seu codinome mais famoso, Nenê Romano. Tornou-se uma das principais prostitutas de São Paulo do final do anos 1910 e início dos anos 1920. Circulando em espaços de poder da cidade como amante de políticos importantes da Primeira República, teve a "audácia" de exigir seus direitos como cidadã na Justiça, mesmo considerada à margem da sociedade, depois de sofrer uma entre tantas violências que enfrentou como cortesã.

Nenê fica mais conhecida ao protagonizar duas situações de violência de gênero que foram destaque na imprensa. Na primeira, é navalhada no rosto a mando de Sinhazinha Junqueira, filha de Iria Junqueira, a maior exportadora de café do Brasil e quiçá do mundo, com seus domínios na região de Ribeirão Preto, interior paulista, e uma das pessoas mais influentes da política nacional. Sinhazinha era amante do Secretário dos Negócios do Interior de São Paulo, Oscar Rodrigues Alves, o Kaká (filho do presidente da República Rodrigues Alves), com quem Nenê também mantinha um caso e foi vista trocando gracejos

publicamente. Após ter o rosto cortado com uma navalha por capangas de Sinhazinha – num episódio de vingança por ciúme, Nenê buscou a Justiça para incriminar os culpados e receber indenização, mesmo consciente de que os criminosos eram ligados à importantes figuras de poder. Na segunda situação, Nenê é morta a tiros por seu amante, Moacyr de Toledo Piza, proeminente advogado de família ilustre paulistana, que tira a própria vida na sequência ao assassinato. Apesar de ser vítima de um relacionamento amoroso abusivo e de um crime passional, Nenê é tratada como culpada nas páginas dos periódicos simplesmente por ser uma "mundana", como muitas vezes é adjetivada.

JUSTIFICATIVA

A violência de gênero é produto de uma construção histórica, portanto passível de desconstrução. Ocorre que ainda é pouco estudada como fenômeno histórico, principalmente sua análise sob a ótica da imprensa. É necessário e urgente dialogar com experiências de mulheres que foram silenciadas, como Nenê, que lutou por seu espaço, direitos e dignidade, mas pagou com a vida e teve sua história contada pelo viés moralizante de uma imprensa patriarcal e parcial, por ser pertencente ao "segundo sexo" e não se enquadrar nos padrões burgueses esperados de uma mulher.

Em relação aos estudos de gênero, conforme trabalho da professora Maria Izilda Santos de Matos a respeito da produção historiográfica sobre o feminino, só a partir dos anos 1980, novas abordagens metodológicas foram incorporadas, abrindo-se olhares para as vidas das mulheres do presente e do passado como sujeitos da história. Desta forma, a análise das fontes sob essa perspectiva poderá descortinar novos elementos sobre a vida de Nenê e seu perfil criado pela imprensa.

[...] novas tendências emergentes na historiografia possibilitaram renovação metodológica e conceitual, levando ao questionamento das universalidades, permitindo a descoberta de outras experiências, entre elas as das mulheres. Uma influência marcante foi a redefinição do político no âmbito do cotidiano, que contribuiu para o resgate das experiências femininas, restituindo a elas a sua própria história.¹

A pesquisa poderá contribuir com os estudos feministas sobre mulheres à margem da sociedade e sobre violência de gênero, analisando o contexto histórico da violência contra a

¹ MATOS, Maria Izilda Santos. História das Mulheres e das Relações de Gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. Mandrágora. São Paulo, v. 19, n.19, 2013, p.6.

mulher, algo necessário, visto que o Estado brasileiro é um dos mais violentos do mundo.² Romper os silêncios abarcados pela cultura machista - seja na vida política, no espaço doméstico, no cotidiano ou em relação aos direitos sexuais e reprodutivos - é, na verdade, o que move a ação do feminismo.³

O presente trabalho envolve a análise de reportagens publicadas sobre Nenê na imprensa, com as quais é possível analisar como são representadas sua história de vida, as violências sofridas e seu assassinato cruel, e discutir como a sociedade paulistana e os periódicos da época lidavam com o exercício de poder sobre o corpo da mulher, construindo imagens dessa prostituta, da prostituição em si e de outras prostitutas, das "jovens de família" e do imaginário do feminino em suas páginas.

Vamos trabalhar a noção de representação, segundo concepções dos historiadores Roger Chartier⁴ e Stuart Hall⁵. Para Chartier, a representação é o instrumento pelo qual indivíduos constroem significados para o mundo social, sendo uma prática cultural e sociopolítica componente nos discursos, que têm seus interesses específicos. "A representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso à força bruta". (CHARTIER, 1991, p. 185). Segundo Hall, "os sistemas de representação são os sistemas de significado pelos quais nós representamos o mundo para nós mesmos e os outros [...] Cada prática social é constituída na interação entre significado e representação e pode, ela mesma, ser representada. Em outras palavras, não existe prática social fora da ideologia. Entretanto, isso não significa que, porque todas as práticas sociais se situam no discursivo, não há nada na prática social além do discurso." (HALL, 2013, p. 179).

1 - A Cidade Moderna e a Prostituição na Bibliografia

A São Paulo da virada do século vive um processo de transformação com o estabelecimento do sistema republicano, a constituição do mercado de trabalho livre, a industrialização, a imigração europeia e a rápida modernização da vida social e política. O

² Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública por meio do Instituto Datafolha revelou que foram mais de 18 milhões de mulheres vítimas de violência no Brasil em 2022. São mais de 50 mil vítimas por dia. Uma a cada três mulheres brasileiras (33,4%) com mais de 16 anos já sofreu violência física e/ou sexual de parceiros ou ex-parceiros. O índice é maior que a média global, de 27%.

³ Violência contra as mulheres - Uma história contada em décadas de lutas. Orgs. Analba Brazão e Guacira Cesar de Oliveira Brasília: CFEMEA: MDG3 Fund, 2010. p. 128

⁴ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estud. av.*, São Paulo, v. 5, n. 11, abril 1991.

⁵ HALL, Stuart. "Significação, representação, ideologia." *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

censo de 1900 iria atribuir-lhe 239.820 habitantes. Isso significava um aumento de mais de 3,5 vezes com relação aos 64.934 habitantes apontados no censo anterior, de 1890. O ritmo de crescimento, impulsionado pela riqueza do café e pelo afluxo de imigrantes, era vertiginoso. O futuro estava ali na esquina.⁶

[...] as referências à escalada da prostituição vêm associadas à jogatina e, em regra, a primeira se mantém proporcional ao vulto da segunda e mesmo ao seu forte teor cosmopolita [...] Acrescidos, no caso da São Paulo dos anos 20, da sedução das máquinas e seus correlatos. Homem-máquina, máquina personalizada, mulher-energia, energia erotizada, máquina e energia transformando os ritmos e condições de vida.⁷

Dois trabalhos específicos, das pesquisadoras Flávia Terruggi Nappi⁸ e Máira Cunha Rosin⁹, abordam o tema da espacialidade da prostituição. Segundo Rosin, uma intensa vida noturna acontecia no centro da cidade quando os trabalhadores dessa região não conseguiam retornar para suas casas, devido ao alto preço dos bondes, e acabavam permanecendo em locais de diversão como bares, bordeis e bilhares. Nappi traz o número de prostitutas registradas pela polícia em São Paulo, que vai de 812, em 1914, para 3.529, em 1922, acompanhando o crescimento da cidade, que já somava 637.000 habitantes. A falta de salubridade urbana fez o poder público promover, em 1911, obras de alargamento da Praça da Sé, onde estava a maioria das casas de prostituição, que foram desapropriadas, e se espalharam, misturando-se com núcleos sociais familiares. Rosin relata que, mesmo com medidas morais e de higienização, além de remodelações urbanas, há a permanência dessas atividades indesejadas nas áreas centrais, à revelia dos planos de exclusão e segregação do poder público.

Conforme apontam estudos da historiadora Margareth Rago¹⁰, a prostituição moderna aparece como fenômeno urbano, caracterizada por uma sociedade capitalista em ascensão, onde o valor se estabelece inclusive sobre o corpo do indivíduo, e os códigos morais preconizam a união sexual monogâmica, a família nuclear e a fidelidade feminina. A prostituição foi encaixada na vida cultural e social da cidade, funcionando como papel na entrada da nação na modernidade, numa equação entre "homens de bem" e "mulheres

⁶ TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A Capital da Vertigem*, 2015, 1. ed - São Paulo, Objetiva p. 27

⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Exático na Metrópole*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, pg 87

⁸ NAPPI, Flávia Terruggi. "Mapeamento e análise do território de prostituição do centro de São Paulo: uma perspectiva histórica (1771-1970)." Mestrado, Universidade Mackenzie, 2021, p. 85, 86 e 87.

⁹ ROSIN, Máira Cunha. *Dos bêbados, das putas e dos que morrem de amor: os marginais do embelezamento e dos melhoramentos urbanos (1905-1938)*. Doutorado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021, p.108

¹⁰ RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite*, 1. ed - São Paulo, Paz e Terra, 2008.

públicas" em busca de um equilíbrio social permeado pelo prazer. Ao mesmo tempo, a prostituição é vista como perigo, tematizada e associada ao crime pelo discurso policial e jurídico e vinculada à doença pelo discurso médico. Ambos altamente divulgados pela imprensa. Como pano de fundo, a desigualdade entre os gêneros, a opressão feminina e a violência.

Como propõe o pesquisador João Batista Mazzieiro¹¹, a prostituição era considerada um "mal necessário", criminalizada, equiparada à vagabundagem, confinada, regulamentada, controlada por policiais e médicos, e reprimida. "Fora da moral burguesa, portanto, não se admitia solução para a sexualidade. Os olhos de Polícia e Medicina acoassavam a plebe não-proletarizada para lhe dizer que os homens e mulheres ali situados socialmente não estavam livres em nenhum momento, sequer na intimidade erótica. Tais olhos revelavam-se ainda mais eficazes porque, qual novo Deus, em nome de Ciência e Lei, construíam-se como onipresentes, disciplinando todos, em tudo e para tudo. Criminalizar a sexualidade da plebe não-proletarizada era manter esse grupo social sob permanente suspeita." (MAZZIEIRO, 1998).

Também em seu livro "História do Amor no Brasil"¹², a historiadora Mary Del Priore relata que esperava-se da mulher, na visão burguesa, alguém naturalmente frágil, agradável, boa mãe, submissa, doce. O domínio da sexualidade era sempre da cortesã, da louca, da histérica. "As que revelassem atributos opostos seriam consideradas antinaturais. Partia-se do princípio de que, graças à natureza feminina, o instinto materno anulava o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria inevitavelmente, anormal." (DEL PRIORE, 2012)

Como indica o artigo da pesquisadora Maria Ângela D' Incao sobre a "mulher e a família burguesa"¹³, a sociedade brasileira, durante o século XIX, sofreu uma série de transformações com a introdução dessa mentalidade burguesa, reorganizando as atividades femininas: uma mulher vivendo para a família em seu lar, protegida do mundo externo. A rua, e as mulheres que nela transitavam livremente, se opunham à construção desse feminino ideal. Segundo a autora Nickie Roberts, o papel da mulher era fundamental na família burguesa, já que "sua fidelidade a seu amo e senhor garantia a sucessão patriarcal da

¹¹ MAZZIEIRO, João Batista. "Sexualidade criminalizada: prostituição, lenocínio e outros delitos-São Paulo 1870/1920." *Revista Brasileira de História* 18, 1998.

¹² DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*, 3. ed., São Paulo, Contexto, 2012

¹³ D'INCAO, Maria Ângela. *Mulher e Família Burguesa*, em *História das Mulheres no Brasil* / Maru Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos), 2. ed., Contexto, 1997. (p. 223)

propriedade." (ROBERTS, 1992, p. 264). Já em fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a onda de industrialização e o crescimento das cidades colocam em cheque essa moral burguesa, com ideologias revolucionárias por parte da classe trabalhadora e imigrante, uma cultura sexualmente liberal dos pobres urbanos e a entrada em massa de jovens moças na força de trabalho. Em resposta a esta "ameaça", a classe média estende às massas seu modelo de disciplina social e controle puritano da sexualidade. A prostituta era a mulher trabalhadora livre do controle sexual moralista e, assim, do controle do patriarcado, tornando-se o símbolo sobre o qual todos os medos de subversão moral da classe média eram projetados e convertendo-se no bode expiatório para repressão.¹⁴

O código moral da sociedade brasileira é construído a partir dessas imagens da família burguesa e da mulher das classes dominantes, com pretensão de universalidade, ao mesmo tempo que essa família e essa mulher burguesa reivindicam seu lugar no espaço público. De operárias das fábricas e demais serviços a mulheres de elite que saem do interior do lar e das missas nas igrejas para espaços de trabalho e lazer, há a necessidade de se estabelecer códigos para delimitar quem são as "mulheres de famílias" e quem são as "meretrizes". Reside aqui, porém, um encontro de identidade feminina: ambas são forjadas pelo outro e para o outro: o marido, os clientes, os filhos, a família. Amparado pelo Código Civil de 1916, o homem tem a mulher como subordinada legalmente, independente de sua classe social.¹⁵

Durante intenso crescimento urbano-industrial, havia uma preocupação com a moralidade pública e com a definição dos códigos de conduta da mulher. Construir a identidade da prostituta sob o olhar masculino de chefes de polícia, jornalistas, médicos, higienistas, literatos e juristas trouxe para essa mulher um lugar de silenciamento e estigma. As indicações são de que a prostituição foi vista como uma fuga de códigos normativos, onde se realizava o que não era permitido na relação conjugal, e como função "civilizadora" de uma sociedade ainda provinciana, com prostitutas estrangeiras dando "aulas" de padrão de sociabilidade de cultura europeia.

É bastante conhecida na história da cidade a importância que teve o bordel enquanto lugar de iniciação sexual dos jovens. Se moralmente condenada, essa função era bem-vinda na sociedade, pois, segundo se acreditava então, garantia virgindade das

¹⁴ ROBERTS, Nickie. *As Prostitutas Na História*, 1992, Record (p. 264, 290, 291)

¹⁵ O Código civil brasileiro de 1916 ficou em vigor no Brasil de 1/1/1917 a 11/1/2003. Foi instituído pela Lei nº. 3.071, também conhecido como *Código Beviláqua* em homenagem a seu principal autor. Como exemplo: *Art. 6. São incapazes, relativamente a certos atos (art. 147, n. 1), ou à maneira de os exercer: II. As mulheres casadas, enquanto subsistir a sociedade conjugal. Art. 233. O marido é o chefe da sociedade conjugal. Compete-lhe: IV. O direito de autorizar a profissão da mulher e a sua residência fora do tecto conjugal. Art. 242. A mulher não pode, sem autorização do marido (art. 251): VII. Exercer profissão (art. 233, nº IV).*

futuras esposas e permitia que os moços arrefecessem parte do "fogo interno", numa fase da vida em que os impulsos libidinais eram muito prementes.¹⁶

Uma outra relação evidenciada pelos estudos sobre a questão diz respeito a importância do discurso médico na normatização das condutas. Há uma construção do ideal de mulher e da prostituta, tendo como base teórica a higienização e a medicalização do corpo feminino, o enquadramento da prostituição como crime e o punitivismo social.¹⁷ Algumas das reformas legais e institucionais concretizadas ao longo da Primeira República foram influenciadas, em grande medida, pelas ideias desenvolvidas por Lombroso¹⁸ e seus seguidores. O desafio consistia em “tratar desigualmente os desiguais” e não em estender a igualdade de tratamento jurídico-penal para toda população. A introdução da criminologia no país representava a possibilidade de compreender as transformações pelas quais passava a sociedade, de implementar estratégias de controle social e de estabelecer formas diferenciadas de tratamento jurídico-penal para determinados segmentos da população.¹⁹

A medicina contribuía assim para alicerçar as bases do novo pacto de poder que começava a se compor na República, e que tinha como parâmetro um liberalismo que, desde o império, excluía a maioria da população da participação política, negando-lhe o direito de cidadania. [...] A ciência daqueles anos centrou-se na desigualdade insuperável, porque era determinada pela biologia, transformando-se em critério para avaliações qualitativas, permitindo a divisão das raças em superiores e inferiores, explicando também o lugar ocupado pelas classes sociais na sociedade.²⁰

A comercialização sexual do corpo feminino cresceu em importância nos debates médicos, que estavam menos preocupados com a melhora nas condições de vida das prostitutas do que com a definição de códigos morais e sexuais. O cientificismo que imperava nesse momento permitiu aos médicos controlar socialmente a vida de homens e mulheres, ordenando a sexualidade e justificando funções atribuídas aos sexos balizados pelas fisiologias masculina e feminina. O casamento evitava perigos da vida moderna, ao menos, na teoria. Nas definições de papéis, foi criado o ideal da boa dona-de-casa por oposição à prostituta.

¹⁶ RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite*, 1. ed - São Paulo, Paz e Terra, 2008, p. 28.

¹⁷ BEAUVOIR, Simone De. *O Segundo Sexo*, 2019, São Paulo, Nova Fronteira, p. 363 e 364

¹⁸ Cesare Lombroso (1835-1909), psiquiatra, antropólogo, cientista, criminologista, higienista e cientista, pretendeu construir uma abordagem científica do crime

¹⁹ ALVAREZ, Marcos César. *A Criminologia no Brasil ou Como Tratar Desigualmente os Desiguais*, DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 45, nº 4, 2002, p. 696

²⁰ ROMERO, Mariza. *Construção da Nação e Exclusão Social: medicalização da saúde em São Paulo (1889-1930)*, Revista do Arquivo Municipal: Departamento do Arquivo Histórico de São Paulo, v. 205, 2014, p. 88, 90 e 91

2 - A Imprensa, a cidade e as prostitutas

Por meio da análise da imprensa do período, é possível compreender a dinâmica da violência sofrida por Nenê Romano em várias esferas (por parceiros, "mulheres de família", polícia, judiciário e periódicos), sendo fundamental para o entendimento dos imaginários que constituem as práticas culturais e os mecanismos institucionais em que se alicerçam na violência de gênero e controle sobre o corpo da mulher, que se estabelecem na formação da São Paulo que se urbanizava, se industrializava e deixava para trás seu provincianismo com ar de metrópole europeia.

Trata-se de entender a imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que essa relação propõe. [...] Pensar a imprensa com essa perspectiva implica, em primeiro lugar, tomá-la como uma força ativa da História e não como mera depositária de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas.²¹

A imprensa que ajudava a fazer o letramento da população urbanizada também ditava e difundia os costumes femininos a serem seguidos. Um exemplo são as revistas ilustradas de atualidades, como "A Vida Moderna" e "A Cigarra", consideradas refinadas que, como outras da época, parecem funcionar como álbuns da vida social das elites dominantes, atraindo leitores que compõe seu repertório de personagens e situações e projetam para outras camadas sociais os padrões do viver e pensar do mundanismo internacional.²² Nenê, por ser prostituta, não era bem-vinda.

No livro "História da imprensa no Brasil"²³, o historiador Nelson Werneck Sodré explica que a passagem do século assinala no Brasil a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais de estrutura simples cedem lugar às empresas jornalísticas. Altera-se, assim, o plano da produção, da circulação, as relações do jornal com o anunciante, com a política e com os leitores, ligadas às transformações do país com a ascensão burguesa e o avanço das relações capitalistas: o jornal, será, a partir daí, uma empresa capitalista. (SODRÉ, 1998, 275). O objetivo era fazer dinheiro acima de tudo, chegando ao maior número de pessoas. "Insista-se que na virada do século, quando o jornalismo transformou-se em grande empresa, as publicações periódicas foram criadas para serem vendidas e gerar lucro.

²¹ CRUZ, Heloisa de Faria. São Paulo em Papel e Tinta, 2001, São Paulo, Imprensa Oficial, pg. 12

²² Idem pg. 88

²³ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Mauad Editora Ltda, 1998.

Nesse propósito, veiculavam o que era rentável no momento, procurando 'suprir a lacuna' do mercado e atender as expectativas e interesses de grupos, segmentando públicos, conformando-os com modelos em voga; e, na maioria das vezes, a serviço da reprodução do sistema [...] Ou seja: expressavam o comprometimento apriorístico com aquilo que o leitor queria ler e 'ouvir'." (MARTINS, 2001, p. 21 e 22).

Nas primeiras décadas do século XX, os jornais diários davam seus primeiros passos como veículos de comunicação de massa, para uma população ainda em processo de alfabetização e em busca de uma identificação, e começam a espelhar cada vez mais a vida urbana, com apoio da imagem e de uma narrativa bem detalhada. Em seu livro "História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000", a pesquisadora Marialva Barbosa revela que a reportagem local, ou também chamada de notícias da cidade, onde a publicação circula, ganha cada vez mais destaque, mostrando o dia-a-dia dos grupos populares e fazendo crônicas do cotidiano. "O sensacional, as catástrofes cotidianas e a notícia inédita despertam o interesse do público, que tem como preferência os acontecimentos policiais". (BARBOSA, 2007, p. 38, 39 e 42).

O leitor recebe um segundo tipo de instrução contido no próprio texto: a edição. A disposição da página, a ilustração, os cortes produzidos na narrativa, a tipologia empregada, a diagramação, tudo indica um leitor e uma forma de leitura [...] Os fatos e, sobretudo, a composição das narrativas policiais mostram o que se passou, evocam a realidade, acontecimentos semelhantes que se desenrolam na vida dos leitores. Ao se perceberem na narrativa, aumentam a identificação com o veículo que é capaz de materializar suas vidas, ainda que envoltas numa atmosfera de anormalidade.²⁴

A imprensa paulistana acompanha o ritmo de São Paulo, experimentando um boom. Nas primeiras décadas do século XX, a cidade entra na modernidade, importando o cosmopolitismo europeu, com ideias liberais e perspectivas ilimitadas.

Era a Belle Époque paulistana, que simbolizou um importante período de transição entre o final do Império e a consolidação da República. Sendo um dos principais meios de expressão e informação, a entusiasmada imprensa paulistana não ficou alheia a esse período de transformação da cidade e viu a ampliação de seu espaço de notícia, com ênfase no cotidiano e, naturalmente, a expansão de seu público leitor. Além disso, a industrialização dos processos de composição e impressão trouxe consigo inovações gráficas que rapidamente foram incorporadas pela imprensa.²⁵

O crescimento da cidade, a diversificação das atividades econômicas, a ampliação do mercado e o desenvolvimento da vida mundana são incorporados aos conteúdos das publicações, com novas temáticas, personagens e linguagens. As tipografias e oficinas

²⁴ BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000. Mauad, 2007, p. 56

²⁵ MUTARELLI, Isadora. O Furão—um jornal da boemia paulistana (1910–1925). 2018. UNESP, p. 11

gráficas passam a aglutinar contingentes significativos de tipógrafos e trabalhadores gráficos. Segundo a publicação "São Paulo em Revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana 1870-1930", foram mais de 1 mil títulos produzidos entre os anos estabelecidos pela pesquisa. Surge uma nova imprensa, para além dos grandes jornais diários com seus postos restritos e privilegiados, incorporando ao universo dos periódicos falas e interesses diferentes. Ganham visibilidade novos hábitos e costumes urbanos. Num primeiro momento, personagens da elite e grupos intermediários produzem pequenos jornais e revistas que traduzem suas atividades, como grêmios escolares, associações recreativas, esportivas, dançantes e artísticas, grupos literários, entre outros. Tudo era oportunidade para escrever e fazer imprensa. No decorrer do período, as novas práticas culturais e pequenas folhas e revistas começam a surgir em ambientes populares, como escolas noturnas, círculos operários, esportes de bairro, colônias de imigrantes, etc. Há espaço para publicações críticas, humorísticas, de cunho religioso, político e até uma produção feminina (mais elitizada neste caso). Os círculos de difusão da imprensa periódica ampliam-se e as relações entre os grupos produtores e o público leitor redefinem-se.²⁶ A grande imprensa se adapta à linguagem do cotidiano.

É nesse panorama da imprensa paulistana que aparecem citações sobre Nenê Romano. Entre 1918 e 1923, os dois episódios mais emblemáticos de sua vida são trazidos nas páginas dos periódicos: quando é navalhada (1918) e quando é assassinada (1923), e todas situações que se sucedem a partir deles. Em grande parte dos jornais, Nenê é tratada por adjetivos que a desqualificam como mulher, a exemplo de "mundana", "mulher de todo mundo", "mulher fatal", "brotada na sarjeta", "habituada a vida desregrada", "flor do vício", "rapariga", "criatura de temperamento exaltado", "predestinada a realizar uma tragédia". No caso da navalhada, em alguns casos é tratada como vítima, em outros apenas uma prostituta que mereceu tal castigo. Já no caso de seu assassinato, na maior parte das publicações, ela passa de vítima a culpada pela própria morte por ser uma prostituta que seduz o amante, Moacyr Piza, jornalista e advogado de família influente e rica de São Paulo. Nenê é vista como alguém que interrompe a vida de um jovem brilhante.

À sombra da primeira onda feminista crescente em vários lugares pelo mundo, São Paulo ainda vivia um conflito entre alterações e permanências sobre a presença feminina na

²⁶ CRUZ, Heloisa de Faria (organizadora). São Paulo em Revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana 1870-1930. (Coleção memória, documentação e pesquisa, 4), São Paulo, Arquivo do Estado, 1997, p. 20 a 26

cidade, ligada à constituição da honra, onde a imprensa surge como reguladora de uma moralidade social e disputa espaço com a autoridade policial.

[...] no mesmo movimento em que reclamavam a necessidade de regulamentar a prostituição, controlar bordéis e disciplinar o comportamento das "mulheres públicas", os chefes de polícia exigiam do governo provincial a ampliação de seu espaço de atuação sobre as práticas "ilegítimas" da população. Por outro lado, embora em vários momentos as atitudes policiais fossem apoiadas por alguns jornais, muitas vezes a própria polícia era objeto de ataque por parte dos jornalistas e de outros setores sociais. A criminalização crescente das práticas populares de lazer, incluindo-se aí as sexuais, não se dava sem encontrar forte resistência por parte de quem se sentia lesado.²⁷

No terreno da criminalidade, do qual Nenê faz parte, a sensação de insegurança refletida na imprensa deu lugar a uma "naturalização".²⁸ A prostituição era criminalizada e passou a crescer como notícia nos jornais. Os casos criminais passaram à notoriedade, sendo registrados nos jornais e em uma tentativa de justificar a ciência, emitindo valores acerca dos crimes e dos criminosos. Nessa sociedade burguesa de controle social e de espaço urbano intenso, o crime passou a ser interesse da sociedade e a imprensa tornou-se um local de conversa pública sobre a realidade.²⁹ Os jornalistas adjetivavam, davam suas impressões sobre a moral, os costumes, num diálogo direto com o leitor. Os crimes estavam diariamente nos jornais e como nas novelas, era necessário esperar a próxima edição para saber o fim da notícia. Crimes de honra eram os grandes protagonistas dos periódicos.

Uma prostituta que alcançou a fama para além dos dois episódios de violência que sofreu, ganhando prestígio social ao circular nas altas rodas da burguesia paulistana. É possível notar por uma análise preliminar sobre Nenê, que essa personagem apresenta uma dualidade, ao cruzar a barreira entre a boa sociedade, desvelando a construção da moral burguesa da mulher perfeita para dentro de casa e a desejada fora de casa, e o mundo das prostitutas que não têm história, nem nome, muitas vezes só codinomes e adjetivos em páginas policiais. Nenê transita entre esses dois mundos, e acaba se tornando famosa a partir sempre "do outro", não por si só: primeiro por meio de "uma outra", Sinhazinha Junqueira, mulher perfeita para dentro de casa que planeja seu anavalhamento, ou por "um outro", seu amante e assassino Moacyr Piza. Em comum, esses dois "outros" pertencem à boa sociedade.

²⁷ RAGO, Margareth. Os Prazeres da Noite, 1. ed - São Paulo, Paz e Terra, 2008, p. 131

²⁸ FAUSTO, Boris. Crime e Cotidiano, A Criminalidade em São Paulo (1880-1924), 2001, 1. ed., São Paulo, EDUSP

²⁹ DINIZ, Mônica. Dramas de Hontem: Imprensa, Criminalidade e Crônica Policial em São Paulo (1910-1920), Doutorado em História Social, São Paulo, 2021, p. 96

Nenê transitava tanto nos bordéis, que eram pontos de encontro regulares de políticos, advogados, intelectuais e outros profissionais para diversão, negócios e articulações políticas³⁰, como em outros locais nobres da cidade, a exemplo do Carnaval da Avenida Paulista, acompanhada de clientes que decidiam o rumo do país.

Dizia-se que eram tantos os seus admiradores que passou a exercer influência no próprio Governo do Estado. Falava-se também, que "Nenê Romano" era a preferida do Senador Rodrigues Alves. Chegou a participar como convidada das festividades oficiais do 7 de setembro e 15 de novembro ao lado de políticos, inclusive do Presidente do Estado, Washington Luiz.³¹

Conhecida no circuito da boemia paulistana, entrava como uma das preferidas na lista do "curso de elegância" do semanário humorístico "O Furão" e também aparecia na página "Vida Nocturna", do mesmo jornal, uma espécie de colunismo social debochado. Apesar de o periódico tratar como sátira a vida das prostitutas, estar nas páginas de "O Furão", que era produzido por expoentes do modernismo brasileiro e intelectuais de elite, como Monteiro Lobato e Washington Luís, demonstrava como o nome de Nenê se destacava entre as profissionais do sexo.

Nenê também foi capa da revista "A Marreta", com uma foto de página inteira, como a "causa primordial do arranca-rabo entre Moacyr e Roberto Moreira", um duelo de morte que quase acontece entre dois expoentes da alta sociedade paulistana. Roberto Moreira, 35 anos, era advogado conceituado, secretário da Sociedade de Cultura Artística, célebre discursador, homem de confiança do presidente do estado de São Paulo e futuro presidente da República, Washington Luís.

³⁰ RAGO, Margareth. *Imagens da Prostituição na Belle Epoque Paulistana*. Artigo apresentado na 1ª Conferência Internacional sobre Moças, *Alice in Wonderland: Transitions and Dilemas*, realizado em Amsterdã, entre 16 e 19 de junho de 1992.

³¹ FONSECA, Guido. *História da prostituição em São Paulo*, São Paulo, Resenha Universitária, 1982, p. 207



Na primeira semana de agosto de 1923, saiu um livro panfletário de Moacyr Piza, amante de Nenê, intitulado "Roupa Suja"³², onde registra seus desafetos e tece críticas ao Partido Republicano Paulista (PRP), expoente da República do Café com Leite, ao qual pertencia Washington Luís. Segundo relatos de época, depois de lê-lo, o então deputado Roberto Moreira decidiu dar um tiro no autor, Moacyr Piza, 32 anos, de família fina, advogado, jornalista, sobrinho de senador, irmão de deputado. No livro, Piza falava que o “discursador de 7 de setembro” (Moreira, no evento público em questão) pusera uma dama alegre ("criatura elegante, bela, quase divina, a distribuir sorrisos") na festa, ao lado de Washington Luís. Ofendido, Moreira pegou seu revólver e foi atrás de Moacyr, afinal, não podia ser chamado publicamente de alcoviteiro do presidente. Mas amigos impediram o duelo. O que ficou foi uma exposição pública para Nenê, que flertava com o perigo ao estar muito próxima aos poderosos, correndo o risco de virar queima de arquivo por saber e ouvir demais, e espantando clientes que queriam discrição. Dois meses depois, ela foi morta por Piza.

OBJETIVOS

- Entender e analisar a definição de códigos de conduta sobre o lugar social da mulher na cidade de São Paulo, do início do século XX, tendo como objeto de estudo as representações da imprensa sobre a trajetória de Nenê Romano.

³² PIZA, Moacyr. Roupa Suja. , 2022, 1. ed, São Paulo, Chão Editora.

- Compreender como a imprensa ajudou a regular o poder sobre o corpo da mulher numa cidade em pleno desenvolvimento industrial e econômico, principalmente quando se tratava de uma mulher considerada à margem da sociedade: uma prostituta.
- Refletir por meio da trajetória de vida de Nenê Romano na imprensa, sobre as relações entre a personagem e a sociedade em que viveu, atenta ao tratamento dado às mulheres, e em particular às prostitutas em suas páginas.

METODOLOGIAS E FONTES

A pesquisa pode ser dividida em três frentes, que vão dialogar entre si: a primeira abarca a discussão sobre o papel da imprensa como campo de disputa da moralidade e prática social constitutiva dos modos de viver e pensar a cidade; outra frente seria a prostituição em si, seu papel na sociedade e como é tratada na imprensa; e finalmente, uma frente sobre a história de Nenê. Não há bibliografia ou pesquisa acadêmica que tenha analisado a trajetória de Nenê por meio da imprensa. As poucas bibliografias onde é citada, trazem apenas as tragédias que marcaram sua vida, ainda assim, com informações equivocadas e incompletas. Além disso, as duas biografias a respeito de Nenê são obras romanceadas, transformando a personagem em ficção. Não há trabalho acadêmico sobre Nenê nem trabalho de micro-história, como alguém que traz consigo o retrato cultural de uma época. No plano metodológico, propomos trabalhar com as indicações da micro-história. Pensamos que, ao centrar a análise na trajetória de Nenê Romano, seguimos as indicações sobre as possibilidades de construir uma história dedicada à personagens extremos, geralmente figuras anônimas, que passariam despercebidas na multidão, mas que ganham uma análise minuciosa pelas fontes, explorando tal objeto à exaustão, de modo a desvendar o universo de uma sociedade para além do próprio protagonista do estudo. É nesse campo que se insere Nenê e os caminhos a serem percorridos por esta pesquisa.

Em pesquisa preliminar das fontes, realizada por meio da Hemeroteca Digital Brasileira, numa busca pelo nome de "Nenê Romano", entre os anos de "1900 e 1910" e "1920 e 1929", e nos arquivos digitais do jornal O Estado de S. Paulo, nos mesmos períodos, é possível verificar que os veículos, em sua maioria, fazem juízo de valor sobre Nenê, baseados no fato de ser prostituta. Poucos são os que apenas reportam o ocorrido e, em raros casos, como em "O Parafuso", ela é tratada como vítima. Há também ausências de Nenê na grande imprensa, como na revista "A Cigarra", que trazia "mulheres de família" da alta

FONTES

Fonte documental:

Processo 2503/23, 1a Vara Criminal, cartório do 1o Ofício Criminal - "Relatório do Inquérito Policial", 19 de maio de 1924

Código civil brasileiro de 1916: (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/13071.htm#art147)

Jornais e revistas:

A Gazeta (SP) - 1914 -1933

Ano 1918\Edição 03821 - O caso de Nenê Romano - 9/10/18

A Marreta

O arranca rabo Moacyr-Roberto Moreira - 24/08/1923

A Vida Moderna (SP)

Ano 1923\Edição 00463 - Destino torto - 16/11/93 e Ano 1924\Edição 00467 - Duas almas - 11/1/24

Correio Paulistano (SP)

Edição 04387 - O mistério perdura - 21/8/20; Edição 20527 - "Crime desvendado" - 25/8/20; Edição 20528 - "Crime desvendado" - 26/8/20; Edição 04391 - "As mulheres que matam" - 26/8/20; Edição 20531 - "Crime desvendado" - 29/8/20; Edição 04395 - "Tem a palavra o Sr. Thyrso" - 31/8/20; Edição 04399B - "Prisão preveentiva de dois indivíduos complicados no caso Nenê Romano" - 6/9/20; Edição 04408 - "O caso Nenê Romano" - 16/9/20; Edição 20558 - "Crime desvendado" - 25/9/20; Edição 20597- "Ainda o caso Nenê Romano" - 3/11/20; Edição 04910 - "Agressores de Nenê Romano" - 22/5/22; Edição 05084 - "Os julgamentos sensacionaes" - 15/12/22; Edição 05244 - "O crime da Rua Bento Freitas" - 17/6/23

A Tribuna (SP)

Edição 00151 - "O anavalhamento de Nenê Romano em 20 de setembro de 1918" - 25/8/2, Edição 00154 - "O horrendo crime de Cravinhos" - 28/8/20; Edição 00169 - "O crime Nenê Romano" - 12/9/20; Edição 21661 - "Necrologia" - 26/10/23

Fon Fon

Ano

1923\Edição 00044 - "Do meu diário" - 3 de novembro de 1923

O Combate: Independência, Verdade, Justiça (SP) - 1917 a 1927

Edição 01022 - "A Vil Agressão da Rua Bento Freitas" - 07/10/18 (capa); Edição 01023 - "A Vil Agressão da Rua Bento Freitas" - 07/10/18; Edição 01025 - "O que nos disse o Dr. Oliveira Ribeiro sobre o Caso da Nenê Romano" - 10/10/18; Edição 01026 - "As diversas versões correntes sobre o atentado da rua Bento Freitas" - 11/10/18; Edição 01027 - "Quem foi o mandante da Rua Bento Freitas?" - 14/10/18; Edição 01027 (parte 2) - "Quem foi o mandante da Rua Bento Freitas?" - 14/10/18; Edição 01569 - "Os advogados e proctetores da criminosa ação"- 16/08/20; Edição 01570 - "Ainda não foi estabelecida a identidade da vítima" - 17/08/20; Edição 01571 - "Nenê Romano faz novas declarações na polícia" - 18/08/20; Edição 01576 - "Depois de dois anos, fica completamente esclarecida a agressão a Nenê Romano" - 24/08/20; Edição 01577 - "Foi decretada, hontem, a prisão preventiva dos agressores de Nenê Romano" - 25/08/20; Edição 01578 - "Uma viúva de Ribeirão Preto descreve a "O Combate" como foi arrastada à miséria" - 26/08/20; Edição 01580 - "Novas acusações contra d. Iria e A. Silva" - 28/0820; Edição 01582 - "o caso Nenê Romano" - 31/8/20; Edição 01583 - "A confissão do Sr. Thyrso Martins" - 1/09/20; Edição 01584 - "A chegada de Nenê Romano" - 2/9/20; Edição 01586 - "revistas cariocas" - 4/9/20; Edição 01588 - "Ainda a defesa de d. Iria e Alexandre" - 08/09/20; Edição 01590 - "Vai ser interposto recurso do despacho de pronuncia"- 10/09/20; Edição 01592 - "Cessarão as investigações em torno da identidade da victima de Cravinhos?" - 13/09/20; Edição 01593 - "O prosseguimento do sumário caso Nenê Romano" - 14/09/20; Edição 01594 - "Proseguo o sumário de culpa dos indiciados" - 15/09/20; Edição 01595 - "O prosseguimento do sumário de culpa contra os implicados no anavalhamento de Nenê Romano" - 16/09/20; Edição 01596 - "Os "picaretas" em defesa da lei e da justiça" - 17/09/20; Edição 01602 - "o caso Nenê Romano" - 24/9/20; Edição 01604 - "O resultado das novas investigações da polícia em torno da identidade da victima" - 27/09/20; Edição 01607 - "O caso Nenê Romano" - 30/9/20; Edição 01609 - continuação - 30/9/20; Edição 01610 - "O caso Nenê Romano" - 4/10/20; Edição 01616- "O caso Nenê Romano" - 11/10/20; Edição 01650 - "O caso de Cravinhos vai ser "abafado" - 23/11/20; Edição 01674 - "Exhuma-se o

cadáver - 21/12/20; Edição 01686 - "Um balanço" - 6/1/21; Edição 01744 - "Esaú de Queiróz apareceu" - 21/3/21; Edição 01750 - "O Sr. Dr. Silva Carvalho expõe as causas da sua exoneração" - 30/3/21; Edição 01803 - "Ainda o próximo julgamento de praxedes e cia" - 3/6/21; Edição 01925 - "Nenê Romano pede auxílio da polícia" - 29/10/21; Edição 01952 - "O Tribunal e Justiça confirmou a impronúncia de Beatriz Bertollotti e das irmãs Lima" - 2/12/21; Edição 02417 - "Ignacio Alves de Carvalho e Marcos Viotti comparecem novamente ao tribunal do jury" - 26/12/23; Edição 02418 - "O jury condenou os anavlhadores de Nenê Romano" - 27/06/23; Edição 02517 - "Paixão fatal" - 26/10/23; Edição 02518 - "Nenê Romano, assassinada pelo Dr. Moacyr Piza, que, em seguida, se matou" - 27/10/23; Edição 02519 - "O enterro de Nenê Romano" - 29/10/23; Edição 02521 - "O inquérito policial sobre a tragédia da Avenida Angélica" - 31/10/23; Edição 02522 - "O Dr. Moacyr Piza teria sido assassinado?" - 01/11/23; Edição 02701 - "O triste fim do dr. Moacyr Piza e de Nenê Romano" - 11/12/2023; Edição 04232 - "A tragédia de Nenê Romano" - 31/07/26; Edição 04273 - "Uma Nenê que repete a história de outra Nenê" - 13/12/23; Edição 04277 - "O amor tem um gosto esquisito de morte" - 16/12/26

O ESTADO DE S.PAULO 02/09/1920 - P. 9; 23/09/1920 - P. 10; 09/10/1920 - P. 11; 21/10/1920 - P. 8; 07/12/1920 - P. 9; 17/10/1925 - P. 4; 29/09/1920 - P. 9

O Furão

Edição 00187 - "concurso de elegância" - 7/12/18; Edição 00189 - "concurso de elegância" - 21/12/18; Edição 00217 - "vida nocturna" - 5/7/19; Edição 00247 - "vida nocturna" - 7/2/20; Edição 00271 - "campeonato de beleza" - 24/7/20

O Parafuso (SP) - 1917 a 1921

Edição 00132 - "O caso Nenê Romano" - 18/2/19; Edição 00134 - "Dicionário do Seu Oscar" - 5/3/19; Edição 00156 - "Bodocadas" - 5/8/19; Edição 00158 - "Dizem..." - 19/8/19; Edição 0022 - "Os comediantes da tragédia de Cravinhos na moita" - 3/11/20; Edição 00220 - "O caso de Itápolis" - 3/11/20; Edição 00221 - "No reino das farças" - 10/11/20; Edição 00227 - "Exuma-se o cadáver" - 22/12/20. Capa e reportagem: O Parafuso (SP) n. 210 - 1920 (25 de agosto - capa com Nenê), O Parafuso (SP) n. 212 - 1920, O Parafuso (SP) n. 216 - 1921, O Parafuso (SP) n. 219 - 1921, O Parafuso (SP) n. 233 - 1921, O Parafuso (SP) n. 239 - 1921, O Parafuso (SP) n. 242 - 1921

Referências Bibliográficas iniciais

ALVAREZ, Marcos César. A Criminologia no Brasil ou Como Tratar Desigualmente os Desiguais, DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 45, nº 4, 2002, pp. 677 a 704

BEAUVOIR, Simone De. O Segundo Sexo, 2019, São Paulo, Nova Fronteira

BENEDETT, Mauricio. Nenê Romano, a História da Ninfa, 2019, 1. ed - São Paulo,

BORELLI, Andrea. Matei por amor: representações do masculino e do feminino nos crimes passionais, 1999, 1. ed. - São Paulo: Celso Bastos Editor

BURKE, Peter. Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

BRAZÃO, Analba e DE OLIVEIRA, Guacira Cesar. (2010) Violência contra as mulheres - Uma história contada em décadas de lutas. Orgs. Analba Brazão e Oliveira Brasília: CFEMEA: MDG3 Fund, 2010.128p. – (Coleção 20 anos de cidadania e feminismo); Disponível em: http://bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/11465/272/1/CFEMEA_violencia_contra_mulheres.pdf

CAPELATO, Maria Helena. Imprensa na historia do brasil. 1994.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estud. av. , São Paulo, v. 5, n. 11, 1991.

BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000. Mauad Editora Ltda, 2007.

CRUZ, Heloisa de Faria. São Paulo em Papel e Tinta, 2001, São Paulo, Imprensa Oficial

CRUZ, Heloisa de Faria (organizadora). São Paulo em Revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana 1870-1930. (Coleção memória, documentação e pesquisa, 4), São Paulo, Arquivo do Estado, 1997.

- CRUZ, Heloísa de Faria. A imprensa paulistana: do primeiro jornal aos anos 50. História da cidade de São Paulo, v. 2, p. 1823-1889, 2004.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa, em História das Mulheres no Brasil / Maru Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos), 2. ed., Contexto, 1997.
- DEL PRIORE, Mary. História do Amor no Brasil, 3. ed., São Paulo, Contexto, 2012
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX, 1995, 1. ed., São Paulo, Brasiliense
- FAUSTO, Boris. Crime e Cotidiano, A Criminalidade em São Paulo (1880-1924), 2001, 1. ed., São Paulo, EDUSP
- FONSECA, Guido. História da prostituição em São Paulo, 1982, São Paulo, Resenha Universitária
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade, 2020, São Paulo, Paz e Terra
- GALLOTA, Brás Ciro. *O Parafuso*: humor e crítica na imprensa paulistana (1915/1921). Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.
- GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- HALL, Stuart. "Significação, representação, ideologia." Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- JANOVITCH, Esther. O Menir de Pomméry. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994.
- LOMBROSO, Cesare. A Mulher Delinquente: A Prostituta E a Mulher Normal, 2022, Clube de autores
- LOVE, Joseph. (1992) A Locomotiva, São Paulo na Federação Brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- MARTINS, Ana Luiza. Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). Edusp, 2001.
- MATOS, Maria Izilda Santos. História das Mulheres e das Relações de Gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. Mandrágora. São Paulo, v. 19, n.19, 2013.
- MUTARELLI, Isadora. O Furão—um jornal da boemia paulistana (1910–1925). 2018. UNESP
- MAZZIEIRO, João Batista. "Sexualidade criminalizada: prostituição, lenocínio e outros delitos-São Paulo 1870/1920." *Revista Brasileira de História* 18, 1998.
- NAPPI, Flávia Terruggi. "Mapeamento e análise do território de prostituição do centro de São Paulo: uma perspectiva histórica (1771-1970)." Dissertação de Mestrado, Universidade Mackenzie, 2021.
- NEVES, Edilene. Quem se importa? A história de Nenê Romano, 2022, 1. ed. - São Paulo, SGuerra Design
- PIZA, Moacyr. Roupas Sujas. , 2022, 1. ed, São Paulo, Chão Editora.
- RAGO, Margareth. Os Prazeres da Noite, 2008, 1. ed - São Paulo, Paz e Terra
- RAGO, Margareth. Amores Lícitos e Ilícitos na Modernidade Paulistana ou no bordel de Madame Pomméry. *Teoria & Pesquisa* 47 JUL/DEZ DE 2005.
- RAGO, Margareth. Imagens da Prostituição na Belle Epoque Paulistana. Artigo apresentado na 1ª Conferência Internacional sobre Moças, Alice in Wonderland: Transitions and Dilemmas, realizado em Amsterdã, entre 16 e 19 de junho de 1992.

ROBERTS, Nickie. *As Prostitutas Na História*, 1992, Record

ROMERO, Mariza. *Construção da nação e exclusão social: medicalização da saúde em São Paulo (1889-1930)*, Revista do Arquivo Municipal: Depto. do Arquivo Histórico de São Paulo, v. 205, 2014.

ROSIN, Máira Cunha. *Dos bêbados, das putas e dos que morrem de amor: os marginais do embelezamento e dos melhoramentos urbanos (1905-1938)*. Tese (doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Exático na Metrópole*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Mauad Editora Ltda, 1998.

TÁCITO, Hilário. *Madame Pomméry*. São Paulo, Biblioteca da Academia Paulista de Letras, 1977.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A Capital da Vertigem*, 2015, 1. ed - São Paulo, Objetiva

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. "Ao pé da página: o espaço tipográfico do folhetim na imprensa paulistana (1851-1946)." (2016).

VAIRO, Orlando. (1925) *Os "Vícios Elegantes" Particularmente em São Paulo*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina de São Paulo.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.